

Temos acompanhado de perto e com atenção as discussões relativas a valor de publicações em revistas científicas e sua necessidade para satisfazer exigências curriculares. Este é um assunto que tem sido levado com características bastante burocráticas, estabelecendo-se índices com pouquíssimo embasamento científico, se algum. As contas de padaria, na ponta do lápis, passam por número de trabalhos publicados em revista de fator de impacto conhecido, revistas de visibilidade internacional e nacional e produção dentro de linhas de pesquisa conhecidas. Todos estes aspectos têm pontos discutíveis, mas não serão eles o tema em discussão neste editorial e sim a relevância científica ou não dos ditos relatos de caso.

A grande discussão está centrada na questão: Relato de caso é ciência?

A disputa do que vem a ser ou não ciência é bastante complexa, e não me parece que os relatos de caso escapem disso. Especificamente na Medicina, o estudo de situações inesperadas, pouco usuais, novas, que dizem respeito à saúde do ser humano, pode ser de suma importância. São inúmeras as ocorrências na história da Medicina onde saltos gigantescos foram executados com os estudos de caso clínicos. A observação minuciosa e com crítica, seguindo critérios técnicos e metodológicos reproduzíveis e reconhecíveis é arma fundamental em diversos segmentos da investigação de assuntos relativos a natureza humana. Não podemos nos esquecer que não só de aspectos qualitativos se faz ciência. O método qualitativo, apesar de um pouco esquecido pela Medicina a partir do advento cartesiano tem seu lugar na história e ainda é muito utilizado em ciências sócias com êxito inegável. Mas mesmo na Medicina os exemplos são fartos de evoluções paradigmáticas devidas a estudos observacionais de casos únicos ou relatos de séries. Vejamos alguns exemplos: A vacinação para a varíola pode ser considerada um grande passo para a saúde pública mundial, mas ela não foi conseguida sem grande esforço de persuasão. Apesar de haver relatos na Índia de medidas que favorecessem o contato prévio com o agente poderia ajudar no desenlace da afecção e de a variação ter aceitação pela Academia Real de Ciências da Inglaterra, a sua afirmação veio da descrição de Jenner baseada no relato de três pessoas vacinadas por ele. Outro exemplo poderoso é o de Wilhelm Roentgen ao se deparar por acaso com os ossos de sua mão estampados numa folha de papel coberto com sais fluorescentes após tentar ver a sombra de um cachimbo quando submetido ao Raio X ficou estupefato. A publicação de “Sobre um novo tipo de raio: comunicado preliminar” baseado em um único caso, sua própria mão, revolucionou a Medicina e criou a Radiologia. Um exemplo de que a não divulgação de relatos de caso podem ser prejudiciais à ciência está na cadeia de eventos que levou a descoberta da penicilina. Em 1875, John Tyndall, fazendo culturas de bactérias, depositou diversos caldos de carne sobre um meio de cultura e ficou observando o que ocorria com as colônias. Ocorreu o crescimento de colônias de cores diferentes em algumas delas, mas em uma em especial havia uma colônia de uma cor muito bela, onde havia penicilina. Neste houve pouco ou nenhum crescimento de outras colônias. Ele notou este fato, mas não se interessou em relatá-lo. Podemos entender sua desatenção. Isto ocorreu 8 anos antes de Koch descrever que as bactérias podiam causar doenças, portanto ele ainda não tinha noção da magnitude de seu achado. Foi apenas em 1929 que Flemming, ao passar por experiência semelhante, agora com cultura de estafilococos que não cresceram no local onde havia mofo, decidiu que estava vivenciando algo importante. Publicou dois artigos de relato sobre o assunto, mas depois desviou sua atenção, provavelmente por não conceber que o mofo poderia ser usado para combater infecções dentro do corpo humano. Ele abandonou seus achados, mas por estarem registrados, isto possibilitou o desenvolvimento futuro de antibióticos e modificou profundamente a Medicina. Este exemplo nos dá a exata noção de que a não apresentação de casos iniciais e relatos pode ser nefasta para a ciência, portanto anti-científica. Obviamente, a simples publicação de relatos sem a necessária adequação metodológica de observações precisas com critério e crítica é abusiva e irrelevante, mas a simples e categórica desvalorização dos relatos de caso com não científicos pode ser um erro e um desestímulo à inovação.